

O PAÍS

União por um poderio bélico

Dirceu defende a integração militar da América do Sul e diz temer a presença dos EUA na Amazônia

Merval Pereira

O chefe da Casa Civil, José Dirceu, defendeu a integração da América do Sul como prioridade da política externa brasileira. Dirceu referiu-se à integração física e de infra-estrutura, citou como objetivo de longo prazo uma moeda única e defendeu até mesmo a "integração militar", dizendo que embora esta idéia seja ainda "uma heresia" na região, ela não o é para outras regiões. Citou a Ásia e países como Índia, China e Rússia, que cuidam do poderio bélico como condição indispensável de soberania no mundo moderno. José Dirceu falou de improviso e com uma rara espontaneidade no encerramento do IV Foro Iberoamérica, ontem de manhã, num hotel em Campos de Jordão (SP).

O Foro Iberoamérica é um encontro de empresários, intelectuais, acadêmicos e representantes governamentais de países da América Latina, Portugal e Espanha, que se reúne anualmente para debater e trocar informações. Estavam presentes, entre outros, o ex-primeiro-ministro da Espanha Felipe Gonzalez; o ex-presidente do Uruguai Julio Maria Sanguinetti; o maior empresário da América Latina, Carlos Slim, líder do setor de telecomunicações; o presidente da Fiesp, Horácio Lafer Piva; a embaixadora do México, Cecília Soto; o embaixador da Argentina, Juan Pablo Lohlé; a escritora Néida Piñon; Gabriel Jaramillo, presidente do Banco Santander; o escritor mexicano Carlos Fuentes; o ex-primeiro-ministro de Portugal Francisco Pinto Balsemão; Jesus de Polanco, presidente do grupo espanhol Prisa, de comunicação; o presidente do BID, Francisco Iglesias; o ex-presidente da Petrobras Francisco Gros; o sociólogo Hélio Jaguaribe; o ex-chanceler Celso Lafer; o ex-ministro da Economia da Argentina Domingo Cavallo e dirigentes dos principais grupos de comunicação brasileiros.

"EUA podem ocupar a Amazônia"

• Dirceu disse que "não é possível imaginar-se o futuro da América Latina sem os Estados Unidos, mas também não é possível os Estados Unidos permanecerem nessa postura hegemônica". Ele citou como fator de grande preocupação na região a luta da Colômbia contra o narcotráfico e disse que se os países da América Latina não se unirem para ajudar a Colômbia, "os Estados Unidos ocuparão a Colômbia. E se ocuparem, não sairão de lá jamais. Isso quer dizer que estarão ocupando a Amazônia".

O chefe da Casa Civil fez um balanço dos últimos acontecimentos na América do Sul e chamou a atenção para as revoltas populares que aconteceram recentemente na Bolívia, como a deposição do presidente Gonzalo Sánchez de Lozada e a derrota do presidente colombiano, Alvaro Uribe, nas últimas eleições à prefeitura de Bogotá. Segundo ele, tais acontecimentos mostram que "as forças populares são poderosas no continente" e que é preciso estar atento às políticas sociais.

Dirceu ressaltou que a revolta na Bolívia se deveu ao combate ao narcotráfico, que acabou tirando o emprego de milhares de "coccaleros", sem que houvesse compensações. — Já imaginaram se vence as eleições um representante desses 'coccaleros', o que não é impensável? Dirceu disse que desde o início do governo Lula insiste na criação de um cargo federal para centralizar o combate ao narcotráfico e que temido uma voz isolada. Acrescentou que "o tempo vem se encurtando dramaticamente" para a tomada de decisões no mundo moderno e fez uma divagação sobre a conveniência de programas de empregos para jovens, como o Primeiro Emprego.

— Talvez estejamos cometendo um grande erro querendo jogar esses jovens num mercado de trabalho que não existe. Talvez o melhor fosse a juventude permanecer mais tempo na escola, sem se tornar massa de manobra do narcotráfico.

Citou, entre as medidas que o Brasil está tomando, o maior controle



JOSÉ DIRCEU disse a empresários e intelectuais da América Latina, Portugal e Espanha que é preciso defender a região

No passado, erros na luta contra ditadura

• O chefe da Casa Civil, José Dirceu, confessou ontem cansado ao final do primeiro ano de governo do PT:

— Vou tentar tirar umas férias rápidas no fim do ano, aproveitando o Natal — disse o ministro em conversa informal com alguns empresários.

Ao ser apresentado no IV Foro Iberoamérica pelo diretor-geral da Editora Abril, Roberto Civita, como primeiro-ministro, Dirceu ficou claramente constrangido e disse, antes de começar sua fala de improviso:

— Isso costuma provocar a demissão de quem se considera primeiro-ministro. Eu ando pagando muito caro por essa fama. Talvez o jeito seja mesmo voltar a ser deputado federal, para acabar com isso.

Em seguida, Dirceu surpreendeu, ao dizer que "a opção pela luta armada foi um equívoco de nossa geração". Ele disse que embora tivessem o respaldo ético para as ações que empreenderam, "olhando hoje em retrospecto, vejo que não tínhamos a menor condição de vencer". Segundo Dirceu, "nossa geração de 68 queria assaltar os céus e bastava ter assaltado o Brasil. Nós não conhecíamos o país". O ministro disse que veio a conhecer o país como presidente do PT e também como coordenador das campanhas presidenciais de Luiz Inácio Lula da Silva.

Uma relação cheia de atritos

• As barreiras comerciais, a Área de Livre Comércio das Américas (Alca), a presença do Brasil no Conselho de Segurança da ONU, a política americana para a Palestina e a guerra no Iraque são alguns dos pontos de atrito nas relações entre o governo de Luiz Inácio Lula da Silva e os Estados Unidos. Em janeiro, ao visitar o presidente da França, Jacques Chirac, Lula iniciou sua cruzada contra o protecionismo americano, afirmando que as barreiras prejudicam a implantação da Alca. "Se quisermos fazer o jogo do livre comércio, que o livre comércio seja para todos e não apenas para alguns", afirmou Lula na ocasião.

Em junho, ao visitar os EUA, Lula repetiu as críticas ao se reunir com o presidente George W. Bush. O petista avisou ao colega que aceitava o calendário de implantação da Alca, mas completou: "Estou convencido de que quebraremos todas as barreiras que existem. Primeiro, se tivermos paciência. Segundo, se tivermos perseverança".



LULA E BUSH: o protecionismo dos EUA é um dos alvos dos ataques do presidente brasileiro

Em julho, em Londres, Lula manteve o alvo — mas mudou o assunto. Num seminário, cobrou dos EUA efetiva participação nos debates sobre as grandes questões mundiais e acusou os americanos de só pensarem em si mesmos. De quebra, defendeu o fim do embargo a Cuba e criticou a

guerra do Iraque. Na mesma viagem, atacou a interferência americana no conflito entre judeus e palestinos.

Dois meses depois, a reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC), no México, serviu de pretexto para novas críticas. Bush telefoneou a Lula pedindo o apoio do brasileiro

para que houvesse consenso no encontro. O petista respondeu que, sem avanços na quebra de barreiras aos produtos agrícolas, o acerto seria difícil.

Ainda em setembro, em Nova York, Lula acusou o governo americano de fomentar o terrorismo, ao desprezar as aspirações de um povo. "O terrorismo ganhará eco sempre que aspirações legítimas por representação política ou por justiça social forem sufocadas pela indiferença e pela arbitrariedade", disse o presidente brasileiro.

Um dia depois, ao discursar na abertura da 58ª da Assembleia Geral da ONU, Lula bateu duramente na política belicista americana, pediu o fim do protecionismo dos ricos e propôs a criação de um comitê mundial contra a fome. E, em outubro, na reunião da Internacional Socialista, Lula voltou a criticar o protecionismo dos países desenvolvidos. Também anunciou uma aproximação com o Partido Democrata dos Estados Unidos, de oposição a Bush.

das fronteiras e a organização do aparato legal para combater a lavagem de dinheiro. Disse que estão sendo finalizadas as negociações para a adoção do Lei do Abate, que permitirá à Força Aérea derrubar aviões que resistam ao controle brasileiro, e para a criação de uma força de intervenção rápida das Forças Armadas para o combate específico ao narcotráfico e ao crime organizado.

O chefe da Casa Civil disse ainda que a infiltração do narcotráfico em todo o tecido da sociedade "já é um fato" e citou casos que ocorrem em tribunais, em assembleias legislativas, em órgãos federais, estaduais e municipais. Disse que os recentes casos envolvendo juízes federais mostram que "o Judiciário tem que mudar". E acrescentou que até ele

foi envolvido em escutas clandestinas de telefonemas, a pretexto de combate ao narcotráfico.

— São essas famosas fitas de Santo André, todas ilegais, cuja autorização judicial foi conseguida através de artifícios.

Embora dissesse que não gostaria de comentar a questão da Venezuela, pois estava na mesa ao lado de Gustavo Cisneros, presidente do maior grupo privado venezuelano e adversário ativo do presidente Hugo Chávez, o ministro acabou não se contendo. Disse que está afastado do assunto, mas que a atuação diplomática do Brasil, desde a criação do Grupo de Amigos da Venezuela, visa a uma saída democrática para a crise do país. Sugeriu a Cisneros que não insistisse no plebiscito para a retirada de Chá-

vez do poder: "Faltam apenas dois anos de mandato, vamos ter eleições em 2006. Dois anos passam rápido", disse, dando um tapinha no braço de Cisneros, visivelmente contrariado.

Dirceu admitiu que o relacionamento com os Estados Unidos "é um tabu nas esquerdas", mas salientou que a "não política" com os EUA "é uma saída insuficiente para o Brasil". Segundo ele, há um entendimento entre as autoridades brasileiras e as americanas de que "devemos concordar nas discordâncias", querendo dizer que sempre é melhor procurar os pontos de concordância, evitando temas polêmicos, como a questão cubana.

— Somos acusados de sermos coniventes com o que acontece com Cuba, e no entanto estamos traba-

lhando firme para superar os problemas — disse Dirceu, sem em nenhum momento se referir diretamente à repressão aos adversários políticos do regime cubano ou aos fuzilamentos de presos políticos. O chefe da Casa Civil defendeu o uso de organismos internacionais como o BID, o Banco Mundial e o FMI para financiar o desenvolvimento dos países da América Latina. Disse que a Alca, como está concebida pelos Estados Unidos, é inaceitável, e fez votos de que as negociações permitam um acordo possível de ser aceito pelo Brasil.

"É difícil abrir mão do acesso a um mercado tão grande e tão importante, mas nos termos hegemônicos em que a Alca está colocada pelos Estados Unidos, é inaceitável", disse. ■